

### 33A. DESCEU AOS INFERNOS.

631-637



#### INTRODUÇÃO

O Catecismo da Igreja Católica não narra somente os eventos da paixão e morte de Jesus, mas deseja sobretudo nos ajudar a entrar no sagrado mistério que é confessado pelo Símbolo de fé, ou seja, no mistério da redenção que Cristo realizou com o seu sacrifício.

Nos parágrafos do tema anterior (624-630), o Catecismo se dedicou ao aprofundamento da afirmação de fé “Jesus Cristo foi sepultado”. O que parece um simples pormenor é, porém, um dado cujo significado e eficácia diz respeito à nossa salvação. Jesus Cristo é o Verbo que se fez carne para assumir a condição humana e se fazer semelhante a nós em tudo, exceto no pecado (cf. Hb 4,15). Ele se fez realmente “um de nós” (cf. GS 22). Ele realiza a nossa salvação graças a uma admirável solidariedade conosco, uma solidariedade profunda que o leva a experimentar o desenlace da vida humana que é a morte e a sepultura.

A sepultura de Cristo não é mero acréscimo; ela é objeto de fé, uma vez que ela nos coloca diante do mistério do Filho de Deus que se fez homem até a derradeira sorte do ser humano: até esse ponto chegou a solidariedade de Cristo com a humanidade!

Mas no Símbolo de fé há mais ainda. Confessamos que Cristo foi sepultado e “desceu aos infernos”!

O que significa essa confissão? Que Jesus foi condenado ao inferno? O que esse fato significa para a nossa salvação?

#### TEXTO 631-637

## PRIMEIRA PARTE

### SEGUNDA SEÇÃO

#### CAPÍTULO II: CREIO EM JESUS CRISTO, FILHO ÚNICO DE DEUS

#### ARTIGO 5: JESUS CRISTO DESCEU AOS INFERNOS, RESSUSCITOU DOS MORTOS NO TERCEIRO DIA



#### PARÁGRAFO 1: CRISTO DESCEU AOS INFERNOS

**631.** “Jesus desceu às profundezas da terra. Aquele que desceu é também aquele que subiu” (Ef 4,9-10). O Símbolo dos Apóstolos confessa em um mesmo artigo de fé a descida de Cristo aos Infernos e sua Ressurreição dos mortos no terceiro dia, porque em sua Páscoa é do fundo da morte que ele fez jorrar a vida:

Cristo, teu Filho,  
que, retomado dos Infernos,  
brilhou sereno para o gênero humano,  
e vive e reina pelos séculos dos séculos. Amém.

#### PARÁGRAFO 1: CRISTO DESCEU AOS INFERNOS

**632.** As frequentes afirmações do Novo Testamento segundo as quais Jesus “ressuscitou dentre os mortos” (1Cor 15,20) pressupõem, anteriormente à ressurreição, que este tenha ficado na Morada dos Mortos. Este é o sentido primeiro que a pregação apostólica deu à descida de Jesus aos Infernos: Jesus conheceu a morte como todos os seres humanos e com sua alma esteve com eles na Morada dos Mortos. Mas para lá foi como Salvador, proclamando a boa notícia aos espíritos que ali estavam aprisionados.

**633.** A Escritura denomina a Morada dos Mortos, para a qual Cristo morto desceu, de os Infernos, o Sheol ou o Hades, Visto que os que lá se encontram estão privados da visão de Deus. Este é, com efeito, o estado de todos os mortos, maus ou justos, à espera do Redentor que não significa que a sorte deles seja idêntica, como mostra Jesus na parábola do pobre Lázaro recebido no “seio de Abraão”. “São precisamente essas almas santas, que esperavam seu Libertador no seio de Abraão, que Jesus libertou ao descer aos Infernos”. Jesus não desceu aos Infernos para ali libertar os condenados nem para destruir o Inferno da condenação, mas para libertar os justos que o haviam precedido.

**Parágrafo relacionado: 1033.**

**634.** “A Boa Nova foi igualmente anunciada aos mortos” (1Pd 4,6). A descida aos Infernos é o cumprimento, até sua plenitude, do anúncio evangélico da salvação. É a fase última da missão messiânica de Jesus, fase condensada no tempo, mas imensamente vasta em sua significação real de extensão da obra redentora a todos os homens de todos os tempos e de todos os lugares, pois todos os que são salvos se tomaram participantes da Redenção.

**Parágrafo relacionado: 605.**

**635.** Cristo desceu, portanto, no seio da terra, a fim de que “os mortos ouçam a voz do Filho de Deus e os que a ouvirem vivam” (Jo 5,25). Jesus, “o Príncipe da vida”, “destruiu pela morte o dominador da morte, isto é, o Diabo, e libertou os que passaram toda a vida em estado de servidão, pelo temor da morte” (Hb 2,5). A partir de agora, Cristo ressuscitado “detém a chave da morte e do Hades” (Ap 1,18), e “ao nome de Jesus todo joelho se dobra no Céu, na Terra e nos Infernos” (Fl 2,10).

Um grande silêncio reina hoje na terra, um grande silêncio e uma grande solidão. Um grande silêncio porque o Rei dorme. A terra tremeu e acalmou-se porque Deus adormeceu na carne e foi acordar os que dormiam desde séculos... Ele vai procurar Adão, nosso primeiro Pai, a ovelha perdida. Quer ir visitar todos os que se assentaram nas trevas e à sombra da morte. Vai libertar de suas dores aqueles dos quais é filho e para os quais é Deus: Adão acorrentado e Eva com ele cativa. “Eu sou teu Deus, e por causa de ti me tornei teu filho. Levanta-te, tu que dormes, pois não te criei para que fiques prisioneiro do Inferno: Levanta-te dentre os mortos, eu sou a Vida dos mortos”.

**Resumindo:**

**636.** *Na expressão “Jesus desceu à mansão dos mortos”, o símbolo confessa que Jesus morreu realmente e que, por sua morte por nós, venceu a morte e o Diabo, “o dominador da morte” (Hb 2,14).*

**630.** *O Cristo morto, em sua alma unida à sua pessoa divina, desceu à Morada dos Mortos. Abriu as portas do Céu aos justos que o haviam precedido.*



## Revisando temas

### 1. A descida aos infernos

Leia e reflita o texto da **Catequese do Papa João Paulo II de 11 de janeiro de 1989**.

É preciso esclarecer logo de início que a expressão “infernos” não significa o inferno (o estado de condenação), mas a mansão dos mortos, o que em hebraico se exprime com a palavra “sheol” e em grego, “hades” (cf. At 2,31).

Os textos no NT, dos quais foi derivada essa fórmula, são numerosos.

At 2,31: É, portanto, a ressurreição de Cristo que ele previu e anunciou por estas palavras: Ele não foi abandonado na região dos mortos, e sua carne não conheceu a corrupção.

Rm 10,6-7: Não digas em teu coração: Quem subirá ao céu? Isto é, para trazer do alto o Cristo; ou: Quem descerá ao abismo? Isto é, para fazer voltar Cristo dentre os mortos.

Ef 4,8-10: Pelo que diz: Quando subiu ao alto, levou muitos cativos, cumulou de dons os homens (Sl 67,19). Ora, que quer dizer ele subiu, senão que antes havia descido a esta terra? Aquele que desceu é também o que subiu acima de todos os céus, para encher todas as coisas.

Ap 1,17-18: Eu sou o Primeiro e o Último, e o que vive. Pois estive morto, e eis-me de novo vivo pelos séculos dos séculos; tenho as chaves da morte e da região dos mortos.

Como se nota dos textos citados, o artigo do Símbolo dos Apóstolos “desceu à mansão dos mortos”, encontra o seu fundamento nas afirmações do NT sobre a descida de Cristo, depois da morte na cruz, no “pais da morte”, no “lugar dos mortos”, que na linguagem do AT era chamado de “abismo”.

É uma confirmação de que a Sua foi uma morte real, não somente uma aparência. A Sua alma, separada do Seu corpo, foi glorificada em Deus, mas o corpo jazia no sepulcro no estado de cadáver. Durante três dias (não completos) passados entre o momento em que “espirou” (cf. Mc 15,37) e a ressurreição, Jesus experimentou o “estado de morte”, ou seja, a separação da alma do corpo, no estado e na condição de todos os homens. Esse é

o primeiro significado das palavras “desceu à mansão dos mortos”, ligadas ao que o próprio Jesus tinha preanunciado quando, referindo-se à história de Jonas, tinha dito: “Como Jonas permaneceu três dias e três noites no ventre do peixe, o Filho do Homem permanecerá três dias e três noites no ventre da terra” (Mt 12,40).

Se a morte comporta a separação da alma do corpo, conclui-se que também Jesus, de um lado, sofreu o estado de cadáver do corpo e, de outro, logrou a plena glorificação celeste de Sua alma desde o momento da morte. A Primeira Carta de S. Pedro fala dessa dualidade, quando, referindo-se à morte sofrida por Cristo pelos pecados, diz: “Padeceu a morte em sua carne, mas foi vivificado quanto ao espírito” (3,18). Alma e corpo se encontram, portanto, na condição terminal correspondente à sua natureza, mesmo que ontologicamente a alma tenda a recompor a unidade com o próprio corpo. O apóstolo, porém, acrescenta: “É neste mesmo espírito que ele foi pregar aos espíritos que estavam detidos no cárcere” (3,19).

Mesmo na sua obscuridade, o texto petrino confirma os outros quanto à concepção da “descida aos infernos” como cumprimento, em toda a sua plenitude, da mensagem evangélica da salvação. É Cristo que, deposto no sepulcro quanto ao corpo, mas glorificado na Sua alma, admitida na plenitude da visão beatífica de Deus, comunica o seu estado de beatitude a todos os justos com os quais, quanto ao corpo, partilha o estado de morte.

A carta aos Hebreus descreve a obra de libertação dos justos por Ele realizada: “Porquanto os filhos participam da mesma natureza, da mesma carne e do sangue, também Ele participou, a fim de destruir pela morte aquele que tinha o império da morte, isto é, o demônio, e libertar aqueles que, pelo medo da morte, estavam toda a vida sujeitos a uma verdadeira escravidão” (2,14-15).

Como morto – e, ao mesmo tempo, como vivo “para sempre” – Cristo tem o poder sobre a morte e os infernos” (cf. Ap 1,17-18). Nisso se manifesta e realiza o poder salvador da morte sacrificial de Cristo, que opera a Redenção de todos os homens: também dos que morreram antes da Sua vinda e da Sua “descida à mansão dos mortos”, mas que foram alcançados pela Sua graça justificadora.

Na Primeira Carta de S. Pedro lemos ainda: “o Evangelho foi pregado também aos mortos; para que, embora sejam condenados em sua humanidade de carne, vivam segundo Deus quanto ao espírito” (4,6). Também esse versículo ressalta o conceito da “descida aos infernos” como a última fase da missão do Messias. Trata-se de uma fase que é “condensada” em poucos dias pelos textos que tentam nos apresentar de maneira acessível a nós, que estamos habituados a pensar e a falar em metáforas temporais e espaciais, mas que é imensamente vasto no seu significado real de extensão da obra redentora a todos os homens de todos os tempos e lugares, também os que nos dias da morte e da sepultura de Cristo jaziam na “mansão dos mortos”.

A Palavra do Evangelho e da Cruz alcança a todos, inclusive os das gerações que viveram muito tempo antes. Todos os que se salvam foram tornados participantes da Redenção, mesmo os que morreram antes que acontecesse o evento histórico do sacrifício de Cristo no Gólgota. A concentração da sua evangelização e Redenção nos dias da sepultura quer sublinhar que no fato histórico da morte de Cristo está inserido o mistério supra-histórico da causalidade redentora da humanidade de Cristo,

“instrumento” da divindade onipotente. O ingresso da alma de Cristo na visão beatífica no seio da Trindade constitui o ponto de referência e de clarificação da “libertação” dos justos que tinham descido para o reino da morte antes de Cristo.

Podemos portanto dizer que a verdade que o Símbolo dos Apóstolos exprime com as palavras “desceu à mansão dos mortos”, enquanto contém uma confirmação da realidade da morte de Cristo, é a proclamação do início de Sua glorificação. E não somente dEle, mas também de todos os que, por meio de Seu sacrifício redentor, foram conduzidos à maturidade da participação da Sua glória na felicidade do Reino de Deus.

A tradução e a adaptação são nossas. O texto original se encontra em:  
[http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/audiences/1989/documents/hf\\_jp-ii\\_aud\\_19890111\\_it.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/audiences/1989/documents/hf_jp-ii_aud_19890111_it.html)

## **2. Qual é o significado da descida de Cristo aos infernos?**

Talvez seja este o artigo da fé que mais se distanciou de nossa consciência atual (...). Por isso parece ser mais vantajoso eliminar de vez o seu enunciado, para ficar livre de um tema estranho e de assimilação difícil para o nosso pensamento, sem sentir a culpa por ter cometido alguma infidelidade especial. Mas o que se ganha com essa atitude? O que adianta evitar as dificuldades e os aspectos obscuros da realidade? (...) Em vez de escamotear a questão, não seria melhor aprender a ver que esse artigo da fé (...) nos toca hoje bem de perto, tendo uma afinidade especial? (...)

O artigo que fala da descida do Senhor aos infernos serve para lembrar-nos de que a revelação de Deus não se compõe apenas de palavras de Deus, mas também de Seu silêncio. Deus não é somente a Palavra inteligível que vai ao nosso encontro, Ele é também aquele fundo sigiloso e inacessível, incompreendido e incompreensível que foge à nossa percepção. Certamente, no Cristianismo prevalece um primado do Logos, da palavra sobre o silêncio: Deus *falou*. Deus *é* Palavra. Mas nem por isso devemos esquecer a verdade do ocultamento permanente de Deus. Só quando o descobrimos no silêncio, podemos nutrir a esperança de ouvir também as suas palavras que clamam no silêncio. A cristologia se estende para além da cruz em que o amor de Deus se torna palpável, para dentro da morte, do silêncio e do obscurecimento de Deus (...).

O que vem a ser morte? O que acontece quando alguém morre, tombando sob o destino da morte? Todos temos de reconhecer o nosso embaraço diante deste problema. Ninguém sabe a resposta com exatidão, porque todos vivemos aquém da morte, não lhe tendo ainda provado o amargor.

Talvez, porém, se possa tentar uma aproximação a partir do grito de Jesus na cruz, grito no qual identificamos a essência do que vem a ser descida de Jesus, participação no destino da morte dos homens. Nesta derradeira prece, do mesmo modo como na cena da agonia no Horto das Oliveiras, revela-se, qual elemento mais profundo de sua paixão, não uma dor física qualquer, mas a solidão radical, o completo abandono. Ora, nisto se manifesta afinal o abismo da solidão humana em geral, do homem que, em seu âmago, está sozinho. Essa solidão, às mais das vezes camuflada, sem deixar de constituir a verdadeira situação do homem, denota simultaneamente o paradoxo mais profundo em relação à natureza do homem, que não pode estar sozinho, mas carece de companhia.

Por esta razão a solidão é a causa do medo, fundada na fragilidade do ser, destinado a existir e, não obstante, condenado ao que lhe é impossível.

Tentemos dar um exemplo. Uma criança obrigada a atravessar sozinha uma floresta em noite escura tem medo mesmo se lhe provarem de modo convincente que nada há capaz de provocar o temor. No momento em que se vê no meio da treva, sentindo a solidão de modo radical, eis que surge o medo, o medo essencialmente humano, que não é temor de alguma coisa, mas medo em si. O receio de algo concreto é inócuo em si, podendo ser superado pelo afastamento de sua causa. O medo de um cachorro bravo, por exemplo, elimina-se prendendo o cão. Agora, porém, deparamos com algo muito mais profundo: cercado da solidão última, o homem teme não uma coisa determinada; muito mais, sente receio da solidão, experimenta o horror e a fragilidade do seu próprio ser, impossíveis de serem vencidos racionalmente.

Vejamos outro exemplo: se alguém tiver que ficar sozinho com um morto durante a noite, sentirá certamente algum tipo de assombro, mesmo estando em condições e esforçando-se em convencer-se racionalmente de que seus sentimentos carecem de base. Sabe perfeitamente que o morto nada lhe poderá fazer e que sua situação talvez fosse muito mais perigosa, se ele ainda estivesse vivo. O que desperta aqui é uma outra espécie de medo; não medo de alguma coisa, mas da lúgubre solidão em si, da fragilidade da existência, frente a frente com a solidão da morte.

Mas, sendo totalmente inoperante o argumento da falta de objeto, como poderá ser superado um tal medo? Pois bem, a criança perderá o medo no momento em que sua mão sentir o aconchego de outra mão amiga, em que soar outra voz falando com ela; ou seja, no instante em que experimentar a presença de uma pessoa bondosa. O que se encontra a sós com um defunto, também sentirá desaparecer o receio, se houver alguém em sua companhia, e sentir a proximidade de um “tu”. Esta superação do medo revela simultaneamente a sua natureza, a saber, que se trata de medo de estar só, de temor de um ser que somente pode viver com outros. O medo propriamente dito não pode ser vencido pela razão, mas exclusivamente por uma presença amorosa.

Mas, cumpre levar mais longe ainda a nossa pergunta: na hipótese de existir uma solidão onde palavra alguma de um outro consiga penetrar, transformando-a; na suposição de uma solidão tão profunda que nenhum “tu” a alcance, estaríamos diante da solidão e do horror total, daquilo a que o teólogo denomina “inferno”. Desta perspectiva é possível definir exatamente o inferno: ele designa uma solidão em que o amor já não penetra e que representa, por isso mesmo, o abandono propriamente dito da existência.

De fato, uma coisa é certa: existe uma noite, em cujo ermo voz alguma ecoa; há uma porta pela qual só podemos passar sozinhos: a porta da morte. Todo o medo do mundo finalmente nada mais é do que medo diante desta solidão. Daqui compreende-se porque o Antigo Testamento conhece uma palavra apenas para conotar inferno e morte, a palavra sheol: porque ambas as coisas são idênticas para o Antigo Testamento. A morte é a solidão simplesmente. Mas, a solidão à qual não pode chegar o amor é o inferno.

Voltamos assim ao nosso ponto de partida, ao artigo da descida aos infernos. Ele declara que Cristo atravessou as portas da nossa solidão derradeira; que em sua paixão desceu ao abismo do nosso abandono. Onde voz alguma está em condições de alcançarmos, ali Ele se encontra. Com isto o inferno foi vencido, ou mais exatamente: a morte, que antes era o inferno, não o é mais. Ambas as coisas não são mais o mesmo, porque em seu centro está a vida, porque em seu meio habita o amor. Só o excluir, o fechar-se

voluntário é inferno, ou, no dizer da Bíblia, é morte segunda (ver pr. ex. Ap 20,14). Mas a morte não mais é um caminho para o seio desta solidão, as portas do sheol estão abertas. (...). As portas da morte estão abertas, desde que na morte reside a Vida; reside o Amor.

Joseph RATZINGER. Introdução ao Cristianismo. Preleções sobre o Símbolo Apostólico, Loyola, p. 217-222

